

As múltiplas faces do lazer: o fazer das culturas populares, a experiência em museus, o Bumba-meu-boi e o tempo dos sonhos¹

Soraia Chung Saura



Caboclas de Pena e Burrinha em momento de descontração na brincadeira de Bumba-meu-boi

“O que eu queria mesmo era uma vida lazer”

Filme “Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo”

de Marcelo Gomes e Karim Ainouz, 2010.

O lazer, considerado em sua dimensão de fenômeno humano, possui um importante papel na vida das pessoas em geral, em sua multiplicidade e diversidade. Um viés importante, certamente, relaciona-se a existência de museus e o usufruto que se faz no interior destes espaços bem como a experiência a que se é submetido quando em contato com estes locais de

¹ Artigo publicado em: SAURA, S.C.; ALMEIDA, R.; SANCHES, J. Interculturalidade, Museu e Educação. V. 1, 1 ed. São Paulo. Editora Laços, pag. 96-112

trocas simbólicas. Experiência em um sentido muito mais sensível e sensorial do que ativo.

“É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma.” (Bondía, 2002:21) Essa definição para a experiência nos retira do lugar comum da ação – do senso comum de que para se viver uma experiência é preciso “fazer alguma coisa” - e nos coloca no lugar da contemplação, do viver processual. Experiência não é o que passa, toca ou acontece, pois em um dia muitas coisas se passam, mas não nos passam, não nos tocam, não nos acontecem. Assim, vivenciamos de fato, poucas e raras experiências, no seu sentido mais amplo. Corroboram para a destruição desta experiência o excesso de informação a que hoje temos acesso, o excesso de opinião que todos devem emitir, o excesso de velocidade dos acontecimentos e o excesso de trabalho a que estamos submetidos.

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (Bondía, 2002: 24)

As portas abertas de um museu convidam a existência desses momentos de experiência vivida, o substrato mesmo do lazer. A grande maioria dos visitantes alega razões sociais e recreativas para sua presença em museu, ou seja, *“para se divertir, estar junto em local agradável”*. (Almeida, Lopes, 2003: 143) Premissa mesma da suspensão temporal e da possibilidade de acessar o recôndito território do saber da experiência.

Sob o prisma de novos paradigmas científicos, vale a pena nos debruçarmos sobre qual lazer e qual espaço de trocas simbólicas nos referimos.

O Lazer e suas vertentes

Quando falamos em lazer, estamos abordando uma área temática da ciência que inclui várias disciplinas e áreas de conhecimento, com uma ampla gama de possibilidades, tanto em estudo quanto em pesquisa. Considerado multidisciplinar, o fenômeno já foi abordado sob o prisma das áreas de história, economia, sociologia, antropologia, educação física, psicologia, artes, só para tematizar algumas que o campo científico abraça. Como é de se esperar, há diferentes correntes teóricas nestes contextos. Quando mencionamos “Estudos do Lazer”, dizemos de um campo de conhecimento dominante na área, que associa o lazer, estritamente e por razões históricas, às questões vivenciadas na cidade. São referências centrais na área, entre outros: Bramante (1998), Gomes e Melo (2003), Marcellino (2006; 2002; 1995; 2007), Melo (2006), Melo & Alves Junior (2003), Pinto (1998), Werneck (2003). Nos “Estudos do Lazer”, o fenômeno é abordado como um fenômeno urbano, restrito à sociedade industrial, centrado na questão do tempo do trabalho e do não trabalho. Vale a pena ressaltar que os autores brasileiros na área de “Estudos do Lazer” são influenciados diretamente pela Sociologia do Lazer (desenvolvida nos EUA a partir de 1920, junto com questões referentes à violência urbana e a imigração das cidades), mais voltado para a qualidade e o controle do tempo livre. Daí decorre também a crítica a uma visão “funcionalista” do lazer, qual seja, uma política de contenção do operariado de então a partir do controle de seu tempo livre. (Melo & Alves Junior, 2003) Está bastante presente historicamente e amplamente discutida as associações entre a dominação social, o esporte e o lazer. Também essa questão está presente de maneira irrefutável no universo das culturas populares. Frente às limitações da exploração, da discriminação, do preconceito e da injustiça, não percamos a perspectiva do caráter revolucionário e libertário dos espaços que possibilitam um saber da experiência vivencial, profundo e significativo.

Outra grande influência na área de “Estudos do Lazer” no Brasil é Jofre Dumazedier, sociólogo francês que realizou seus estudos a partir da década de 50, influenciando autores brasileiros referência na área como Marcellino, aprofundando a discussão acerca o fenômeno em sociedades industriais e pós-industriais. Vale a pena ressaltar que esta dimensão do operariado e da

oposição do tempo de trabalho e tempo do não trabalho gerou uma importante conquista do lazer como direito social no mundo. Em 1988 a Constituição brasileira incorpora o lazer como direito básico do cidadão. É nesta década de 80 também que o campo científico do lazer desenvolve-se significativamente no Brasil e a temática começa a ser mais quantitativamente analisada em diversas instâncias. Há intensificação dos eventos, das pesquisas e publicações, além da criação de diversos núcleos de estudo, vinculados às universidades brasileiras, que tratam de questões relativas ao fenômeno, que assim, é considerado um campo recente de estudos.

Considera-se que Marcelino (1995), definindo lazer como cultura vivenciada no tempo disponível, deu um importante e decisivo passo para uma compreensão mais contextualizada do lazer. A consideração do lazer como um conjunto de ocupações passa a ser redimensionada, sendo esse fenômeno percebido sob o prisma da cultura. Essa mudança conceitual sugere uma ampliação do olhar sobre o lazer, denotando uma nova tendência para a área.

Heloísa Bruhns contribui sobremaneira com a compreensão do lazer sob a perspectiva de uma “razão sensível” (Maffesoli, 2001), isto é, *“um conhecimento mais aberto, incorporando o imaginário, o prazer dos sentidos, a emoção, o lúdico, ou seja, parâmetros não-rationais, onde múltiplas possibilidades despontam e o qual não mais se condensa numa matriz única.”* (Bruhns, 2004) O que se chama de razão sensível aparece, de maneira precursora em Gaston Bachelard (1988) com o racionalismo poético e em Michel Maffesoli (2001) e articula o sentimento e a sensibilidade com a expressão reflexiva da razão, articula conceitos e imagens, o rigor acadêmico com o vigor vivencial, o intelecto e a imaginação. Desta forma, o lazer sai do âmbito de organização lógico-aristotélica – da identidade e da não contradição; e da ordem epistemológico-cartesiana de separação entre sujeito e objeto e entre corpo e alma para situar-se justamente neste novo paradigma da ciência que não atua com pares de opostos, mas complementares.

Enfim, chegamos ao ponto onde estamos nos situando hoje. Sob a égide de um paradigma complexo, concorrente e complementar, os limites entre urbano e não urbano podem enfim, se dissolver. Veja, para os autores da área

de “Estudos do Lazer” o fenômeno só existiria nas sociedades tradicionais apenas e somente se estas sofressem um processo de aculturação das sociedades urbanas e complexas. Neste contexto, não se considerou o seu oposto e complementar: as influências que sofrem as sociedades urbanas sob toda a sorte de fluxo migratório de povos tradicionais e rurais que trazem suas concepções e modos de vida paradigmáticos para a cidade.

Alguns modos de ser das culturas populares e o boi

É justamente na cidade de São Paulo, palco de inúmeras manifestações culturais, cosmopolita por excelência, abrigo de muitos povos, que está sediada uma de muitas manifestações originárias das culturas populares: o Bumba-meu-boi. Promovido por um grupo de pesquisa em danças populares, o Grupo Cupuaçu, coordenado pelo mestre maranhense Tião Carvalho, realiza o ciclo de festas que compõem o folguedo, consideradas hoje tradicionais na cidade. São 25 anos de história deste grupo, cujos componentes - artistas populares, estudantes, educadores, amantes da dança e da festa, maranhenses, paulistas e de outras origens – compartilham de intensa convivência conjunta, dignos de um grupo de cultura popular tradicional, com a mesma estrutura interna, seja por conta dos encontros e ensaios semanais, das apresentações de palco que geram a renda do conjunto, seja na organização de seu calendário de festas e no trabalho coletivo de seus conteúdos materiais e imateriais. Um caminho extenso, com nascimentos, perdas, formações, aniversários, casamentos, celebrações da vida. Alguns integrantes se afastam e muitos retornam depois, sob grandes festas. Novos se agregam a essa caminhada, sempre bem-vindos. Com envolvimento de famílias inteiras, posta-se hoje, irradiando beleza como ontem, na sua terceira geração. Como em todo grupo de uma manifestação popular, o Grupo Cupuaçu forma essa trama difícil de ser desvendada, recheada de compadres e comadres, brigas de amor e ódio, amizades que se formam e se desfazem em redes de solidariedade, firmes e constantes, uma família ampliada que resolve e dissolve seus conflitos no prazer de ser, estar e no fazer coletivo de brincar junto.

Isso porque o conteúdo simbólico da principal manifestação do conjunto, o Bumba-meu-boi, é agregador, formador e estruturante na vida dos que com ele se envolvem, configurando com o passar dos tempos um mergulho profundo em aspectos ancestrais da cultura humana².

Na cidade, como em muitos interiores do Brasil, a manifestação do homem com o seu Boi manifesta-se com a força de uma tradição milenar. Isso se mostra nos inúmeros folguedos brasileiros tendo o Boi como animal representativo e central. Existem em todo o território nacional, distribuídos amplamente como o samba e a capoeira, insistemizáveis devido a sua grande diversidade e quantidade. Em sua dimensão país afora, adquire diferentes nomes, ritmos, formas de representação, épocas de festejos, personagens, instrumentos. As referências variam entre o boi de “bumbar”, o boi de pastoreio, o boi que ajuda o homem, o boi “brabo”, o boi que foi domado pelo homem, amansado por ele. Além de ilustrar sua diversidade e riqueza, o extenso número de folguedos revela uma humanidade que se relaciona com o bicho desde tempos imemoriais, escancarando um universo dinâmico e ativo, em constantes mutações e recorrente no país inteiro, de forma não unificada e ainda a ser desvendado. Mário de Andrade chegou a considerar o Boi como o principal elemento unificador do Brasil, dentre todas as manifestações que pesquisou.

Historicamente no país, há registros da brincadeira datando o início do século XIX. Já no mundo, encontram-se registros antigos da brincadeira do século XIV. Sua presença em tempos remotos nos permite relativizar a questão histórica da origem do folguedo, sua posição temporal no mundo. Também permite descolá-la de sua geografia – que seja em capitais onde é tradição, em pequenas comunidades rurais, em grandes centros como São Paulo, aqui ou lá, sua estrutura arquetipal profunda atua com produção de sentido em espaços diferenciados. Estão em muitos lugares, sob muitas diferentes formas, no continente africano, no continente oriental, nas Américas e em todo o nosso território nacional. Há representações do Boi na Índia, no Egito, na África e na Galícia, no Jordão e na Mesopotâmia. Espalha-se pelo

² Resultado da investigação de doutorado, onde se pesquisou o universo simbólico do Bumba-meu-boi em mais de 10 anos de observação participante. (Saura, 2008). Disponível para download em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12032009-131837/>

Brasil como fogo alastrado, queimando diferente em muitos lugares. Não existe uma forma “correta” de realizar a brincadeira. Os mesmos elementos, mais ou menos evidentes, as máscaras, os passos, as indumentárias nos levam do Brasil ao mundo, ao início de uma humanidade que pensa e repensa suas relações com a natureza e sua simbologia, o homem e este animal que o acompanha, o Boi. Fórmula mágica que funciona em qualquer parte deste “planeta de Boieiros”³, revelando uma estrutura arquetipal profunda que permite infinitos matizes, todos eles expressões do dinamismo inerente à manifestação. Assim que faz sentido para tantas pessoas, sejam elas de comunidades tradicionais ou de grandes centros cosmopolitas.

Os chamados “Brincantes” – os diretamente envolvidos na “brincadeira”, de Bumba-meu-boi, apresentam um modelo de vivência temporal própria de comunidades tradicionais, próximas ao ciclo da natureza. A temporalidade urbana, racional e cartesiana, dá-se linearmente, conduzindo a vida em linha reta para um angustiante fim. O tempo das culturas populares faz com que os brincantes vivam a temporalidade ciclicamente, retornando sempre ao mesmo ponto, demarcado espacialmente e temporalmente por meio de suas festas. Assim, não estamos sendo conduzidos a um final de nossa existência ano após ano, mas retornando ao mesmo ponto festivo, mais velhos e tendo passado por experiências e seus saberes. Este tempo cíclico e não linear é bem demarcado, decorado e enfeitado. Elevam cenários míticos que se elaboram sempre no mesmo local, com elementos estéticos e fazeres embutidos de pequenos rituais.

Os personagens representados, cada um à sua maneira e à maneira de quem os conduz, falam com o corpo essa linguagem sem palavras. Olhamos e deciframos em seus movimentos a história arquetípica da humanidade, seja em vaqueiros leais defendendo o conjunto, em caboclos de pena surgidos do fundo da mata, misteriosos e vultuosos, farfalhantes e enigmáticos. Índias muito belas, representação de feminilidade e beleza, agitam suas penas para o alto, na frente. Burrinhas faceiras e coloridas vêm montadas encantando crianças⁴. Cada indivíduo, vivendo e elaborando o seu personagem, cria sob elementos já dados, irradiando luzes de muitas gerações. A corporeidade (Merleau-Ponty)

³ Referência de Tião Carvalho quando refletindo sobre o alcance espacial da brincadeira.

⁴ Estes são alguns dos personagens que compõe o universo do Bumba-meu-boi.

na dança, ao longo de ensaios e apresentações exaustivas, manifesta-se individualmente, com toda força do imaginário humano. É principalmente nas festas, oportunidade de exercitar seu personagem de forma plena e por longas horas de trabalho que os brincantes declaram estes momentos de suspensão temporal, transcendência espacial e criação mítica. (Ferreira Santos) O corpo apresenta estes conteúdos vivenciais que muitas vezes ultrapassam inclusive o entendimento do próprio indivíduo que está representando, ingenuamente brincando. Este exercício aparentemente simples, um faz de conta, brincar dançando porque é belo, divertido, porque produz um prazer estético, leva os brincantes a um outro, profundo: o brincar representando que opera a atualização vivencial de imagens míticas e poéticas (Bachelard). É o nosso corpo a serviço desta produção de imagens humanas, estas que já estão inscritas nele e que despertam com o sopro da tradição. O ápice dessa vivência é o ponto no qual o acontecimento de “fazer de conta” brincando, vestindo, exercitando e jogando com entusiasmo, repetindo e ao mesmo tempo criando, se expande e nos dirige ao êxtase, à transformação e fusão de nós mesmos com o personagem, como no caso de caboclos “incorporados”, de vaqueiros que dançando, enxergam sertão onde só há asfalto, ou, para não irmos tão longe, simplesmente o Amo de Boi, um personagem que representativamente no folgado é o dono do boi e da fazenda, mas em sua dimensão simbólica patriarcal estende as características de seu personagem para todo coletivo onde está inserido.

“Amo tem que ter influência, conhecer político e inspetor de polícia, saber falar melhor, assinar o nome e ter documentos. Ele é responsável pelo bem estar da comunidade em que mora. A educação e o emprego dos filhos e participantes da brincadeira são preocupações constantes, pois ele é o líder do bairro e da opinião”. (depoimento de José de Jesus Santos, Jornal Vagalume, 1993)

Lazer, Imaginário e Culturas Populares, um caminho sensível e complexo

A partir do ponto de vista do movimento humano, abrangente e profundo como se apresenta até aqui, transcendendo limites de disciplinas tradicionais do movimento e integrando o conhecimento da área de humanas, tematizo o lazer a

partir da antropologia do imaginário, corrente que contribui com olhar para o fenômeno enquanto proveniente da área de cultura, compreendida como produção humana em sua perspectiva mais simbólica, *“como o universo da criação, da transmissão, da apropriação e da interpretação de bens simbólicos e das relações que se estabelecem.”* (Ferreira Santos, 2004b)

Nessa perspectiva, o lazer não seria o equivalente ao tempo livre (o que configuraria substancialmente seu caráter quantitativo), mas uniria-se a ele em seu aspecto qualitativo, não sendo tempo, mas um ideal, uma forma de ser, permeando a vida como um todo. (Bruhns, 2004) Indagados se consideram as atividades do Bumba-meu-boi e do coletivo do qual fazem parte uma atividade de lazer em suas vidas e porquê, os integrantes manifestam esse ideal não quantitativo, associado a uma imagem de bem estar, de prazer, mas não dissociado de aprendizados:

“No Cupuaçu existe muito lazer, fui descobrindo que a alegria gerada pela participação no grupo é muito mais do que uma atividade pontual na vida da gente. Por exemplo, com o tempo, as pessoas vão começando a fazer parte da nossa vida e os ensinamentos que vamos aprendendo aos poucos vão se tornando parte do que a gente é. Acho legal como a troca entre pessoas de diversas faixas etárias ensina, me ensina a envelhecer em movimento, abrindo outras perspectivas para mim. (depoimento de Carolina Tiemi Teixeira, 28 anos, 12 meses participante do conjunto)

Vale a pena ressaltar a natureza integratória das manifestações populares, um modelo onde tradicionalmente todas as faixas etárias estão presentes no todo, distanciando-se do conceito de lazer que elabora atividades consumíveis diversificadas para crianças, para jovens, para adultos, para idosos, em separado. Amplia-se assim as relações de convivência e liberdade onde se pauta que todos, independentemente de idade, classe social, de ser dançarino ou não, artista ou não, entre outras divisões comumente implementadas, possam se reunir e brincar juntos.

“Além de me relaxar os músculos e a mente, é uma atividade que eu faço junto com os meus pais, da qual gosto e me orgulho, na qual aprendo e me divirto. Portanto, embora eu consiga ver o grupo também como um trabalho, penso que faço sim dele meu lazer.” (depoimento de Marcos Vinicius)

Carvalho, jovem integrante do grupo que frequenta a brincadeira desde menino)

Seu pai trabalhador, em anos de convivência com o coletivo, também reconhece:

“A atividade do Cupuaçu acabou se tornando para mim a principal atividade de lazer, onde dançamos, cantamos, praticamos exercícios e nos distraímos com personagens, fantasias e tudo o mais que envolve o folguedo”
(depoimento de Fernando Lima Carvalho, antigo integrante do grupo)

A leitura calcada na antropologia do imaginário permite dissolver limites acadêmicos bem demarcados, o lazer como essencialmente urbano, o lazer como essencialmente espaço do não trabalho. Considera a diversidade de comunidades existentes no Brasil e no mundo, para além das comunidades urbanas. Considera a diversidade de relações entre os espaços, considera também o lazer como conceito, não como meio para se atingir determinado objetivo, mas como um fim em si mesmo.

Manifestações do lúdico e da diversão, independentemente da época histórica ou meio onde estão inseridas, podem ser consideradas de lazer se este for pensado enquanto fenômeno humano mais abrangente. Essa lógica de pensar o fenômeno em sua complexidade não o dissocia das atividades cotidianas, muitas delas consideradas de trabalho. Dentro do universo lúdico das culturas populares há muita organização coletiva e compromisso individual. Só para citar algumas das extensas atividades do conjunto, são diligentemente organizadas as festas para receber a grande quantidade de pessoas que prestigiam a brincadeira, o que inclui bem receber os convidados, decorar e organizar o espaço da rua para que se transfigure em local de celebração, adequá-lo de infra-estrutura. Preparar alimento para todos, o substrato das noites e dias exangues. A preparação dos rituais, o fazer das indumentárias maravilhosas, a construção dos instrumentos. A formação dos personagens, a criação das músicas. Uma dedicação religiosa.

“Considero as atividades do grupo atividades de lazer, mas também as considero atividades de exercício de cidadania. Pois o Grupo foi fundado também com esta intenção e objetivando o desenvolvimento e aprimoramento técnico e artístico, bem como a pesquisa histórica da dança popular brasileira,

de maneira prazerosa, suave, descontraída e solidária.” (Depoimento de José Marcos Pires Bueno, um dos fundadores do conjunto)

Mesmo que a atividade seja considerada lúdica e prazerosa, não se pode ingenuamente associar-se a isso a idéia de que esteja isenta de muito trabalho e seriedade. A produção dos grupos de culturas populares é de tal maneira profunda e de tal maneira vivida que a maioria dos festejos tem a religiosidade e a devoção como pilar central. Esta religiosidade está recorrentemente associada, principalmente, aos momentos de criação - no caso do bumba-meu-boi, criação das músicas, dos bordados primorosos, dos instrumentos artesanais muito bem feitos. A arte comunica-se diretamente com o divino e associa criação e sagrado porque ambos estão fora da lógica racionalizante, mas dentro da lógica intuitiva, sensorial, pré-racionalizante e afetiva, de inspiração e de comunicação.

Embora todos os aspectos da manifestação sejam intimamente unidos e indissociáveis, há de fato, produtos materiais e imateriais associados a ela. Os produtos materiais podem ser sempre salvaguardados e expostos em museus. No caso dos produtos imateriais, há que se criar estratégias sensíveis de presentificá-las para o público que freqüenta estes espaços, considerado aqui de troca por excelência porque na experiência de contemplar obras e objetos, acessamos territórios misteriosamente humanos e de religação com essa humanidade.

Tomemos como exemplo de conteúdo imaterial a música por excelência do Bumba-meu-boi, as chamadas toadas. Estas são sempre atuais, carregadas de elementos reflexivos, críticos e históricos. Os ritmos são variados, mas todos eles inebriantes. Também suas letras remetem “à raiz sonhadora das palavras” (Bachelard, 2003:10). São de louvação, de pedidos de licença, ou líricas e apaixonadas, arrancando suspiros de toda gente. Também as de pique, violentas e de guerra, anunciando disputas e desafetos entre os grupos. Podem ser apaixonadas e bajulativas, ou então críticas, desaforadas e mordazes. Não andam nunca descoladas do conjunto, muito ao contrário, estão inseridas no contexto emocional-vivencial da brincadeira e de seus participantes. São produzidas anualmente, renovando-se ininterruptamente. *“As toadas têm que mudar de ano para ano. Não temos o direito de cantar a toada deste*

ano no outro ano. Tem que ser tudo novo.” (Depoimento do amo Aluriano de Almeida, in Maranhão; 1999:79)

Suas composições harmonizam ritmo, letra, tempo, música, mensagens, fluidez, humanidade. A criação destas requer sensibilidade, inspiração, intuição. São valorizadas por suas criações espontâneas, quando captando o que acontece ao redor. Ato criativo, capacidade de improvisação, de captar acontecimentos centrais do momento e colocá-los dentro do ritmo melódico do bumba, esse é o valor da toada. Com capacidade de tocar o núcleo secreto de quem as ouve, valorizadas pelo ato criativo intuitivo, *“ela é da forma mais completa o cruzamento de timbres, vozes, ritmos, tonalidades, sobre a trama contínua do tempo”*. (Durand, 2002:336). Por ser valorizada dentro de um contexto, raramente estas toadas são registradas e seus autores nomeados.

“Não anoto minhas toadas porque não tem necessidade, já que a toada é do ano passado, não nos interessa para este ano. Nós não ligamos para documentação porque encaramos o negócio assim: se fulano gravou minha toada e vai cantar no interior, em qualquer lugar, eu me sinto até satisfeito, elogiado” (depoimento do Amo Zé Olhinho, in Maranhão, 1999:15)

Os autores, no caso das culturas populares, não são o centro do processo, o processo é o centro dele mesmo. Para tanto, não tem dono: é nosso, calcado no indizível e no invisível (Merleau-Ponty), no comunitário, no imensurável:

“Uma das toadas que mais gosto é a Sereia: ‘Sereia, sereia, sereia, quem mandou me chamar. Ela mora num monte de pedras lá no oceano, no meio do mar. Ela quer ver se decora o meu boiar’. Foi uma das toadas mais bem cantadas dentro do boi. A letra não diz lá muita coisa, mas para a toada ser bonita, não é preciso que a letra seja bonita, é importante que ela tenha peso, firmeza e desembaraço. Dá energia na hora de cantar. Ela era a coqueluche daquele ano, 1970, 1972. Virgem Maria! Quando cantava essa toada...” (depoimento do Amo Zé Olhinho, in Maranhão, 1999:116).

O senhor Zé Olhinho sabe dizer do valor de uma toada – o que é significativo nela pode até ser letra e composição, mas “peso, firmeza e

desembaraço, que dá energia na hora de cantar” são atributos pré racionalizantes, intuitivos. “Puxarei uma toada”, avisa o Amo, fazendo-o do fundo da alma, condutora de ânimos por excelência.

O desafio destes espaços de experiência vivida – os museus - é associar estes conteúdos materiais expostos aos imateriais, que, como no caso das culturas populares, não podem ser ditos, apenas experienciados. Para que uma obra exposta possa adquirir significado e sentido, pensa-se sempre em lançar mão de recursos sensíveis para dentro destes espaços, promovendo formas de contato diferenciadas, interatividade sensorial.

O Caminho que se Abre

Atualmente, há um movimento inconcluso de valorização das culturas populares, recorrente na vida cotidiana. Avançam de forma latente, mostrando ao mundo um novo modelo de existência. Talvez, afora o mundo estar voltado para a globalização e para o espetáculo, ele se cansa, finalmente, de um individualismo exacerbado, dando um passo para trás na modernidade e reportando-se a práticas comunitárias, inserindo-se em um novo modelo paradigmático. Lembranças de um momento:

“Em que os homens ainda não se separam da natureza, em que perdura ainda uma harmonia, mesmo entrelaçada de perigos, e se vive em um mundo que ainda não foi dessacralizado; em que o coração vive ardoroso do espírito e no qual brota ainda aquele leite e mel das sagradas origens. Em que os mistérios da vida se expõem com naturalidade, o numinoso acompanha experiências do cotidiano, e os homens são eles ainda e ainda não os outros de si mesmos”. (Paes Loureiro, 2000: 19)

Surge assim, por baixo deste clamor, ainda em tom mais baixo do que deveria, sem tanto alarde, o novo paradigma, menos racional e objetivo, mais familiar e subjetivo. O tempo linear e da ciência, tão angustiante, recheia-se de pausas que as culturas populares conseguem fazer no mundo. Os conteúdos simbólicos e imateriais são contrários à lógica de produção material e não são consumíveis. Para além da falta de sentido no mundo, as manifestações estão

repletas destes. A ausência de relação do homem com a natureza torna para o interior dos grupos tradicionais, ambientados e integrados, mais sagrados que religiosos, mais humanos, coloridos e amigáveis. São sentidos apreendidos em festa e em alegria, transportados a todos pela música. Os grupos de culturas populares apresentam assim alternativas à lógica de exploração econômica e agem sobremaneira independentemente de interesses comerciais. Trazem bens e riquezas de outra ordem, calcados no valor humano. Podem sim ser banalizados, desconfigurados, mas são valorados, sobretudo por este pano de fundo de geração de sentido maior que une a todos, uma visão sistêmica.

Apesar de tudo, hoje, são estas formas de viver e fazer que ensinam ainda e empiricamente a possibilidade de um modo de ser e estar, fornecendo origens variadas de conhecimento, formas de organização coletiva, práticas educativas voltadas ao bem-estar, ao lazer e à festa, que transformam o mundo cotidiano em encantaria, alegoria, rompendo com o normativo estabelecido. Urgente que aconteçam na cidade.

“Tem um lado meu que independentemente de acreditar em santo, acredita em algo que é palpável: fazer festa. Organizar pessoas para brincar, construir junto, comida, dança, canto, instrumento, criatividade, tudo isso é importante e palpável. Isso também é fé, mesmo que você seja ateu, você acredita nisso. Dá para dizer que festa não é importante? Música não é importante? Comer não é importante? Vestir-se bem não é importante? Não dá para abrir mão dessas coisas. Saber fazer festa é fundamental, colocar festa em um mundo violento, em um mundo descrente, isso é muito bom”.
(depoimento de Tião Carvalho, in Saura, 2008)

Hoje, está claro que, embora seja necessário garantir sua transmissão, as culturas populares não estão no mundo para serem salvas, preservadas ou resgatadas. Estão para serem vividas, conhecidas, transformadas, ressignificadas, experienciadas em diversos espaços — e assim é que são “salvas”, diga-se de passagem, salvando, primeiro e antes de tudo, todos nós. Vale a pena ressaltar que não se trata aqui de ideologizar uma prática, mas de reconhecê-la e difundi-la, para que continue sendo elaborada nos mais diversos espaços. Com seus dramas embutidos, sentidos reais, humanidade e imperfeições, sagrados e encantarias. Transforma e recheia de significado a vida de quem compartilha dessa experiência:

“Tenho um envolvimento muito forte, é uma necessidade vital minha de estar ali, de brincar disso. O meu personagem sou eu já, me envolvo com ele profundamente. É um movimento que transcende... A Festa do boi é isso: é a minha vida”. (depoimento de Anna Maria Andrade, antropóloga, 12 anos integrante do conjunto, in SAURA, 2008).

Mais do que isso, reconhecendo que enquanto prática de lazer não está dissociada de muito trabalho e empenho, esforço e beleza:

“Ah, eu amo o Bumba-meu-boi, está na minha veia. Quando ouço o batuque, fico trêmulo. Quando olho em volta e vejo todo mundo organizado, vou de uma ponta a outra, volto e vejo do jeito que gosto de ver... Parece que não estou pisando no chão. O batuque sereno, pegando firme, a rapaziada cantando uma toada, todo mundo abrindo a boca certinho, a toada entoando, não tem um atravessando... Ôô, aquilo é lindo, lindo demais. Sinceramente, é aí que é a minha diversão... Nessas alturas estou com a minha camisa suada, pois já andei, já fiz fogo para esquentar pandeiro, já organizei, me preocupei... É um negócio sério.” (Depoimento de Zé Olhinho, in Maranhão, 1999:144).

Situando a vida individual no coletivo que nos atravessa, no saber de experiência, encontrando este tempo nenhum, este tempo de sonhos, este tempo em que contemplativos, nos colocamos a devanear.

O conceito de lazer proposto aqui articula trabalho e prazer em uma ampliação dos estudos na área, uma dimensão que leva em consideração as festas, as manifestações das culturas tradicionais, o meio rural, as sociedades tradicionais e todo o território acessado pelo humano e sua cultura, sua troca de bens simbólicos, pois o modo de produção da cultura humana permite o jogo, o ritual e as manifestações lúdicas desde tempos imemoriais. Sob essa perspectiva, o lazer deixa de ser um fenômeno tipicamente urbano, desatrelado da necessidade de determinadas classes sociais, oferecendo uma outra perspectiva espaço temporal. Os limites divisórios que apresenta a ciência em suas categorias clássicas como moderno / tradicional; comunidade / sociedade; sagrado / profano; erudito/ popular; se diluem em uma perspectiva cultural simbólica. Sob o prisma de novos paradigmas da ciência, como experiência sensível do movimento humano (Bachelard, Maffesoli), sob a luz de práticas simbólicas (Durand), o lazer aparece com toda a sua força “onde mora a

diversão” embora “com a camisa suada de trabalhar”, lampejos de culturas em espaços diversificados, urbanos ou não, um sem oposição a outro, mas de forma complementar, revelando-se em uma maior complexidade. Neste sentido remete à humanidade inerente em todos nós, universal, sem temporalidade definida, jogando a todos em sfumato (Paes Loureiro): entre o real e o irreal, mesmo que a própria realidade seja, ela mesma, uma leitura imaginária do suposto real. Estamos situados entre o sonho e a lucidez, entre o natural e o sobrenatural, partes de um mesmo homem. Não mais distanciados por um dualismo cartesiano, os conceitos se irmanam, complexidade e afetividade. O museu, enquanto espaço de lazer, alimenta e é alimentado por conteúdos materiais e imateriais, culturas eruditas e populares, indissociáveis como o fenômeno do lazer e como o homem em si, este agente de si mesmo. Em uma perspectiva antropológica, faz com que sejamos eternamente um outro sem deixar que sejamos nós mesmos.

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, Adriana M; LOPES, Maria M. *Modelos de Comunicação Aplicados aos Estudos de Públicos de Museus*. Rev. ciênc. hum., Taubaté, v.9, n.2, p.137-145, jul-dez 2003.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes. 1988.
- _____. *A Água e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes. 1998.
- _____. *A Terra e os Devaneios do Repouso*. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- BRAMANTE, Antonio Carlos. *Lazer: Concepções e Significados*. Revista Licere. Belo Horizonte, v. 1, n.1, 1998. p. 09-17.
- BONDÍA, Jorge Larossa. *Notas sobre a experiência e o saber de Experiência*, Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr, Nº 19 p. 20 – 28. 2002.

- BRUHNS, Heloísa. *Explorando o Lazer Contemporâneo: entre a razão e a emoção*. In: Revista Movimento, Porto Alegre, V.10, n.2, p. 93-104, maio/agosto. 2004.
- DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo. 1988.
- _____. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.
- FERREIRA SANTOS, M. Cultura Imaterial e processos simbólicos. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 14: 139-151, 2004a.
- _____. *Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi*. São Paulo: Editora Zouk. 2004b.
- GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor A. *Lazer no Brasil: Trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa*. Revista Movimento. Porto Alegre, n.19, 2003.
- MARANHÃO. Fundação Cultural. *Memória de Velhos: Depoimentos. Uma Contribuição à Memória Oral da Cultura Popular Maranhense*. Volume V. São Luís: Lithograf. 1999.
- _____, Governo do Estado. *Jornal Vaga-lume*, Maio/junho, 1993, p10.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudo do Lazer: Uma Introdução*. 3ª Ed. Ampliada. São Paulo: Campinas. Autores Associados, 2002.
- _____. *Lazer e cultura: algumas aproximações*. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.) *Lazer e Cultura*. São Paulo. Ática, 2007.
- _____. *Lazer e Educação Física*. In: DE MARCO, Ademir (org.). *Educação Física: Cultura e Sociedade*. São Paulo Papyrus, 2006.
- _____. *Lazer e Educação*. 3ª. São Paulo: Campinas. Papyrus, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. *O Elogio da Razão Sensível*. São Paulo: Vozes. 2001.

- MELO, Victor Andrade de & ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. Introdução ao lazer. Barueri, São Paulo. Manople, 2003.
- _____ Animação Cultural: Conceitos e Propostas. Campinas. Papirus, 2006.
- MERLEAU – PONTY, Maurice. *O Olho e o Espírito*. São Paulo: Cosac & Naify. 2004.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. Obras Reunidas, 4 volumes. São Paulo: Escrituras Editora. 2000.
- PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer: Concepções e Significados. Revista Licere. Belo Horizonte, v. 1, n.1, 1998. p. 18-27.
- SAURA, Soraia Chung. (2008) *“Planeta de Boieiros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do bumba-meu-boi.”* Tese de Doutorado – FE-USP: São Paulo. 2008.
- WERNECK, Christianne. *Recreação e Lazer: apontamentos históricos no contexto da Educação Física*. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes & ISAYAMA, Helder Ferreira. Lazer, Recreação e Educação Física. Belo Horizonte. Autentica, 2003.